

**NOMES E SOBRENOMES  
A ANTROPONÍMIA EM *TERRAS DO SEM FIM*,  
ROMANCE DE JORGE AMADO**

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (UEFS)  
[rcrqueiroz@uol.com.br](mailto:rcrqueiroz@uol.com.br)

O homem chamou sua mulher “Eva”, por ser a mãe de todos os viventes. (Gênesis, cap. 3, vers. 20 – *A Bíblia de Jerusalém*, 2001, p. 36)

**RESUMO**

*Terras do sem fim* é um romance no qual Jorge Amado retrata a conquista das terras sul baianas, as quais eram cobiçadas por serem boas para o plantio do cacau, considerado mais valioso que ouro. A trama se passa no início do século XX. Sendo as palavras a matéria prima dos seres humanos, pois aquelas estão presentes em praticamente todos os atos que fazem girar o mundo, usadas por todos desde os primórdios, revelam fatos sociais, culturais, religiosos, políticos, ideológicos, dentre outros, demonstrando que o seu estudo contribui sobremaneira para o conhecimento tanto do passado quanto do presente, levando o pesquisador a conhecer também a memória coletiva. Pretende-se, com este trabalho, à luz da Onomástica, ciência que se ocupa do estudo dos nomes próprios, sejam estes relativos a pessoas ou lugares, analisar os nomes dos principais personagens envolvidos no enredo: Ester, Virgílio, Horácio, Sinhô Badaró, Juca Badaró e Don’Ana.

**Palavras-chave:** Léxico. Antroponímia. *Terras do sem fim*. Jorge Amado.

**1. Introdução**

Em 1943 Jorge Amado publicou o romance *Terras do sem fim*, cuja temática gira em torno da conquista e exploração das terras do sul do estado da Bahia. Nesta obra, o autor apresenta uma galeria de tipos humanos: coronéis, jagunços, prostitutas, religiosos, políticos, damas da sociedade, lavradores, vindos de várias partes do país ou do Estado; os quais buscam, cada um a seu modo, a posse, a fixação e o cultivo das terras de Ilhéus e Itabuna, cujo solo é propício para a plantação do cacau, produto cobiçado e considerado ouro, mas que, no entanto, além do enriquecimento de poucos, trouxe infortúnio para muitos. Amado (1972), em depoimento prestado, diz:

Nessas terras de Ilhéus e Itabuna, [...] fui buscar homens de uma rude humanidade para traçar com eles a saga da conquista da terra, a grandeza e a miséria dos coronéis e do latifúndio, o nascimento de uma civilização na boca dos

rifles, de uma cultura massada na violência. Conteí histórias de espantar, levantei o monumento de alguns homens que eram ao mesmo tempo fraternos e brutais, de normas estritas e impossível vilania, tratei das mulheres que mantiveram alta a chama do amor onde só a morte comandava. (AMADO, 1972 *apud* COSTA, 1991, *on line*)

O cacau se tornou tão valioso porque sua cotação atingiu preços bem elevados, tornando a região sul baiana próspera, o que atraiu a cobiça, fazendo com que correntes humanas se deslocassem em busca de trabalho e riquezas.

Homens escreviam, homens que haviam ido antes, e contavam que o dinheiro era fácil, que era fácil também conseguir um pedaço de terra e plantá-la com uma árvore que se chamava cacaueteiro e que dava frutos cor de ouro que valiam mais que o próprio ouro. (AMADO, 1987, p. 26)

A trama do romance *Terras do sem fim* se desenvolve a partir da luta entre duas famílias pelo domínio das terras do Sequeiro Grande. De um lado, estava o coronel Horácio da Silveira e do outro o coronel Sinhô Badaró que, além de buscarem a expansão patrimonial, também desejavam o aumento da força política. Os dois clãs determinavam as leis, com isso havia lutas, mortes, traições.

A violência geral e a lei do mais forte pelo gatilho determinam de quem é o poder político-econômico nas terras do cacau. O caxixe (apropriação de terras alheias com auxílio de advogado) e a tocaia (assassinato à traição, por jagunços mandados pelos Coronéis, de pessoas inconvenientes em certos negócios) são procedimentos "normais" no referencial ideológico dos coronéis. (COSTA, 1991, *on line*)

Entre a luta pela posse das terras e do poder político encontra-se Ester, esposa do coronel Horácio da Silveira. Moça educada em colégio de freiras em Salvador, casa-se com Horácio por imposição de seu pai, passando com isso a viver na fazenda, local que odiava. Por causa dos fortes embates entre os dois clãs, Ester é levada para a casa de Ilhéus, onde mantém um romance com o advogado Virgílio, contratado por seu marido. Horácio contraiu febre e por causa disso Ester retorna à fazenda, ficando ao lado do marido durante alguns dias. Após esse contato, Ester também fica doente, não resistindo e falecendo.

Ester morreu numa manhã clara de sol, quando os sinos repicavam na cidade, convidando os habitantes para uma missa festiva. A doença havia-lhe comido quase toda a beleza, o cabelo caíra, era um fantasma da formosa mulher que fora antes, os olhos saltando no rosto magro, certa de que ia morrer e desejando viver. (AMADO, 1987, p. 245)

Depois de algum tempo, Horácio encontra cartas trocadas entre Ester e Virgílio, tomando conhecimento da traição da esposa e do advogado,

decidindo assim matá-lo.

– Andei arrumando umas coisas no palacete de Ilhéus. Umas coisas de Ester ... [...] – Encontrei umas cartas ... [...] – Era amante do doutor Virgílio ... [...] Quando pôs o pé no estribo, Horácio voltou-se, avisou a Maneca: – Vou mandar liquidar ele ... [...] Morrer não lhe importa, o triste é viver sem Ester. (AMADO, 1987, p. 263, 265 e 268)

Deste modo, os conflitos pessoais se misturam aos conflitos pela posse das terras. De um lado Horácio da Silveira e do outro a família Badaró. No meio disso tudo, Jorge Amado (1987) apresenta a formação cultural aliada ao comportamento social dos personagens que integram a trama. Segundo Franco Jr. (*on-line*): *Terras do Sem Fim* é “[...] o mais expressivo romance da primeira fase, apresentando um tratamento maduro na abordagem da estrutura social e dos personagens, flagrando contradições próprias da formação sociocultural brasileira”.

## **2. Os personagens**

Na obra *Terras do Sem Fim*, desfila uma galeria de personagens, todos construídos por Jorge Amado com qualidades e defeitos, os quais podem ser interpretados de acordo com suas ações e seu caráter. São 191 personagens vivendo situações distintas: o fazendeiro poderoso, o capanga, o advogado corrupto, as comadres faladeiras, as prostitutas, o padre pedinte, o tropeiro, o trabalhador da roça, o jogador de cabaré, dentre outros. A galeria conta com os seguintes personagens: Horácio da Silveira, Sinhô Badaró, Juca Badaró, Maneca Dantas, Dr. Virgílio, João Magalhães, Ester Silveira, Olga Badaró, Don’Ana Badaró, Auricídia Dantas, Lúcia, Violeta, Maria, Margot, Dr. Rui, Antônio Vítor, Raimunda, Damião, Firmo, Dr. Jessé Freitas, Venâncio, Braz, Jarde, Padre Bento. Estes nomes encerram em si as significações da sociedade retratada no romance, pois os mesmos são registros do cotidiano.

## **3. O estudo dos nomes: a onomástica**

O ser humano, desde o momento em que dominou o espaço circundante, teve como uma de suas atividades a nomeação. A partir de então, passou a nomear tanto as pessoas, os objetos, quanto os lugares. Neste processo, identifica semelhanças e diferenças com as quais estrutura o mundo que o cerca. Entretanto, esta apropriação do real através da nomeação ocorre a partir de circunstâncias históricas, variáveis culturais e anseios

espirituais, sendo a primeira etapa para o conhecimento científico do mundo.

O estudo dos nomes, sejam estes referentes a pessoas ou a lugares, já se faz desde a Antiguidade, a partir de Dionísio da Trácia, no séc. II a. C. Trata-se do estabelecimento da origem e das alterações no sentido e na forma dos nomes próprios, dividindo-se em toponímia (locais) e antroponímia (pessoas). No entanto, somente a partir do estruturalismo linguístico, nos finais do séc. XIX e início do séc. XX, que a onomástica passou a ter caráter científico, com os aportes teóricos da ciência dos signos, isto é, a semiótica ou semiologia. Destarte, a onomástica foi sendo idealizada a partir de ciências auxiliares, sendo considerada interdisciplinar ou transdisciplinar. Deste modo, a onomástica se refere ao léxico, sendo este o patrimônio vocabular de quaisquer línguas, o qual abarca todas as palavras existentes. Neste sentido, está relacionado com a cultura e a sociedade, o que é corroborado por Ferraz. (2006, p. 219):

As relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto, a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem.

O nome, sendo um dos primeiros atributos que o indivíduo recebe, até mesmo antes de seu nascimento, expressa e reflete a mentalidade e o meio social dos sujeitos envolvidos no processo de nomeação. Deste modo, o nome próprio é a marca linguística através da qual as sociedades conhecem o indivíduo, pois é um elemento de individuação, merecendo o mesmo tratamento dado às outras unidades linguísticas. E isso deve ser aplicado também no contexto literário, porque o estudo dos antropônimos pode esclarecer determinadas características da cultura de um povo ou de um grupo de povos.

No campo da literatura, o nome próprio tem um papel importante a considerar. O artista nomeia os personagens da maneira como o faz ou por apresentar uma sensibilidade linguística apurada, ou por proceder a um batismo, mais, ou menos, intencional. A percepção e a apreensão desse instrumento possibilitarão aquilo que se deve chamar de leitura sensível, podendo mesmo o leitor a desconfiar da gratuidade da presença de certas escolhas feitas pelo autor. (CÂMARA, 2000, *on line*)

Neste sentido, Jorge Amado (1987) nomeia seus personagens de acordo com atributos físicos e/ou psíquicos, pois, sua intenção é expressar-se da forma mais objetiva possível, revelando aquilo que pensa, pois os antropônimos revelam os valores e a visão de mundo do designador, os

quais são determinados histórica e socialmente. Deste modo, pode-se inferir, tomando as palavras de Dick (2000, p. 218), as quais esclarecem:

O nome doado e conhecido coloca o receptor no centro de convergências positivas e negativas, ou de vetores de forças que definirão personalidades e comportamentos, condutas e estilos de vida, tornando nome e indivíduo uma só entidade.

Deste modo, os antropônimos em *Terras do Sem Fim* trazem à tona aspectos importantes relacionados à história e à cultura da região sul baiana apresentada por Jorge Amado.

### **3.1. A antroponímia em terras do sem fim**

Foram selecionados para análise, dentre os antropônimos que integram a galeria de personagens, os seguintes nomes: Ester, Virgílio, Horácio, Sinhô Badaró, Juca Badaró e Don'Ana, os quais vêm destacados na entrada em negrito e em maiúsculas, seguidos da explicação etimológica e do contexto no qual se encontram na obra, também com destaque em negrito.

#### **ESTER –**

De acordo com Machado (2003, p. 595), do grego *Esthér*, pelo latim *Esthēr* (ao lado de *Esthera*, *Hestera*). Na Bíblia, nome de hebreia mulher do rei persa Assuero, também chamada *Edissa* ou *Hadassah*. A origem hebraica é controversa, significando “mirto”. Segundo Azevedo (1993, p. 208), *Ester* teria origem no persa *stara*, significando “estrela”, podendo-se confrontar o grego *astér* e o latim *stella*, ambos significando “estrela”. Guérios (1973, p. 102) traz as seguintes explicações: para alguns, a origem do nome *Ester* estaria no babilônico *Ishtar*, nome da estrela Vênus e da deusa *Istar*; para outros, viria do persa *star*, *stareh*, *sitarih*, “estrela”; em hebraico *'Sther*, nome pérsico da israelita Hadassa. Frágil e sonhadora é a Ester do romance amadiano: “E **Ester**, junto à cama da criança, as repetia baixinho, uma a uma, por entre lágrimas, [...]. Cantava para a criança [...], mas cantava para si também, também ela uma criança amedrontada.” (AMADO, 1987, p. 58).

#### **VIRGÍLIO –**

Para Machado (2003, p. 1481), do latim *Vergiliu*, cujo étimo é *virgo*. Azevedo (1993, p. 607) traz a seguinte explicação: pelo latim medieval *Virgilius*, do etrusco *vercna*, cujo significado é desconhecido. Guérios (1973, p. 215), por sua vez, diz que vem do latim *Virgilius*, *Vergilius*, diminutivo de *virga*, “raminho, vergonteazinha, varinha”. Machado

(2003, p. 1481) fala também em candura, esta relacionada ao poeta romano Virgílio (*Publius Vergilius Maro* – 70 a.C. – 19 a.C.). “O Dr. **Virgílio** tomou da sua taça onde as gotas do vinho português manchavam de sangue a transparência do cristal. [...] Falava com sua bela voz cheia e modulada e escolhia as palavras como se estivesse num torneio de oratória. [...] Suas maneiras finas, seu lânguido olhar, sua cabeleira loira, [...] (AMADO, 1987, p. 81).

**HORÁCIO** – De acordo com Machado (2003, p. 784), do latim *Hōrātīu-*, de origem obscura, antropônimo tornado célebre por causa dos célebres três irmãos (Horácios, do latim *Horātīos*, os três irmãos com este nome que combateram contra os três Curiácios, no séc. VII a. C.), do lendário Horácio Cocles, que sozinho defendeu dos inimigos a ponte sobre o rio Tibre, e do poeta romano Horácio (*Quintus Horatius Flaccus* - 65 a. C. – 8 a. C.). Azevedo (1993, p. 298) explica que seria do latim *Horatius*, o qual é colocado sob a proteção das *Horas*, sendo que *Horas* eram as deusas filhas de Júpiter e de Têmis. Guérios (1973, p. 127) diz que vem do latim *Horatius*, provavelmente do grego *horatós*, que significa visível, evidente, manifesto. Acrescenta que talvez venha do nome de um antigo povo do Lácio, os *Foretti*. Além disso, citando W. Schulze (1923), coloca que estaria ligado ao latim *Hora*, a deusa da mocidade, o qual pode ser comparado ao grego *hora*, que significa tempo, idade, mocidade.

De noite *Horácio* chegou com seus cabras na roça dos três amigos. Cercou o rancho, dizem que ele mesmo liquidou os homens. E que depois, com sua faca de descascar frutas, cortou a língua de Orlando, suas orelhas, seu nariz, arrancou-lhe as calças e o capou. [...] Seus jagunços diziam que ele era um macho de verdade e que valia a pena trabalhar para um homem assim. Nunca deixava que jagunço seu parasse na cadeia e certa vez saíra especialmente da fazenda para libertar um que estava na prisão de Ferradas. Depois de tirá-lo de entre as grades, rasgara o processo na cara do escrívão. (AMADO, 1987, p. 53)

### **SINHÔ BADARÓ** –

**Sinhô**, hipocorístico de Senhor, do latim *Senior*, o mais velho. Segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001, p. 2545), significa aquele que possui algo, dono da casa, patrão; pessoa que exerce poder, dominação, influência. **Badaró**, segundo Machado (2003, p. 201), apelido italiano trazido para o Brasil pelo médico Giovanni Battista Libero Badarò (1798-1830).

*Sinhô Badaró*, o chefe da família, descansava numa alta cadeira de braços, cadeira austríaca que contrastava não só com o resto do mobiliário, bancos de madeira, cadeira de palhinha, redes nos cantos, como também com a rústica simplicidade das paredes caiadas. [...] *Sinhô Badaró* pensava, os olhos semicerrados, a longa barba negra se estendendo sobre o peito. [...] A *Sinhô Badaró*

repugnava ver correr sangue de gente. No entanto, muitas vezes, tivera que tomar uma decisão como a que Juca esperava naquela tarde.

### **JUCA BADARÓ –**

Juca é hipocorístico de José, segundo Machado (2003, p. 834), Guérios (1973, p. 136) e Azevedo (1993, p. 335). José, por sua vez, de acordo com Machado (2003, p. 832), vem do hebraico *Iosef* (Deus), o que acrescenta bens, pelo grego *Ioseph* para o latim *Ioseph*, *Joseph*. Definição acompanhada por Azevedo (1993) e Guérios (1973).

*Juca Badaró* parou em frente ao irmão:

– Tu sabe, Sinhô, que ninguém conhece terra pra cacau como eu conheço. Tu veio de fora mas eu já nasci aqui e desde menino que aprendi a conhecer terra que é boa pro plantio. Posso te dizer que basta eu pisar numa terra que sei logo se ela presta ou não pro cacauero. É uma coisa que tenho na sola dos pés.

### **DON'ANA –**

Dona, segundo Machado (2003, p. 514), vem do latim *Domna*, forma sincopada de *Domina*, “Senhora”. De acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001, p. 1076), título concedido às senhoras de famílias nobres, estendido a todas as mulheres caracterizadas por algum tipo de superioridade, respeito, como as casadas, viúvas, religiosas, idosas. Ana, como explica Machado (2003, p. 128), vem do hebraico *Hannah*, significando “graça”, “graciosa”, passando para o grego *Anna* e depois para o latim *Anna*. Segundo evangelhos apócrifos, era o nome da mãe da Virgem. Azevedo (1993) e Guérios (1973) acompanham a definição de Machado (2003).

Só *Don'Ana* era boa com ele, não tinha medo do negro. Mas *Don'Ana* era uma mulher valente, era da família dos Badarós. [...] Para *Don'Ana* a cozinha fora sempre o grande lugar de asilo. Quando fazia traquinagem demasiado grande fugia para ali, para junto das saias da sua “mãe negra” e ali nem mesmo dona Filomena, nem mesmo o velho marcelino, nem mesmo /sinhô que era seu pai, a vinham buscar. (AMADO, 1987, p. 73 e 89)

#### *3.1.1. O sobrenome Badaró*

Segundo Barata e Bueno (2000, p. 334), a família Badaró que se estabeleceu na Bahia tem suas origens com os alfaiates Inácio Fernandes Alves Badaró e José Alves Badaró, os quais tinham, em 1881, oficinas de alfaiate na rua dos Algibebes, n. 10, e no Beco do Sodré, respectivamente. São parentes próximos de Antônio Fernandes Badaró, que deixou geração em Ilhéus, através do casamento com Ambrosina Teixeira.

### 3.1.2. O sobrenome Silveira

De acordo com Barata e Bueno (2000, p. 2086), o sobrenome Silveira é de origem geográfica, de *silveira*, substantivo comum – silva, moita de silvas, designação de várias plantas medicinais das Rosáceas [Cf. Antenor Nascentes, II, p. 282]. No entanto, diversas são as origens deste sobrenome, havendo a que é atribuída à adoção feita pelo holandês Wilhem van der Haagen ou Haghe, quando passou à Ilha Terceira (Açores), no século XV, assinando Guilherme da Silveira.

## 4. Considerações finais

Jorge Amado, ao construir o enredo de seu romance *Terras do sem fim*, nomeou seus personagens distinguindo-os entre si, fazendo com que, nos agrupamentos sociais aos quais estão vinculados, adquirissem suas personalidades.

O estudo dos nomes constantes no referido romance, ou seja, dos antropônimos, os quais integram o léxico, definido como o patrimônio vocabular e que encerra em seu bojo a cultura e a história de uma dada sociedade, refletem as influências políticas, religiosas, históricas; as circunstâncias de tempo e lugar de nascimento: particularidades físicas ou morais; a relação com profissões; e a curiosidade ou a excentricidade envolvendo os nomes. Estes podem ser considerados como um valioso *corpus* para o conhecimento da língua, da cultura, da religião, da ideologia de um povo ou de um grupo de povos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*, romance. 56. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

AZEVEDO, Sebastião Laércio de. *Dicionário de nomes de pessoas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

BARATA, Carlos Eduardo de Almeida; BUENO, Antônio Henrique da Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras*. São Paulo: Ibero América, 2000, 2 volumes.

CÂMARA, Tânia Maria Nunes de Lima. Os antropônimos em Machado



de Assis: uma leitura morfossintática. *Cadernos do CNLF*, série IV, n. 07. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07\\_10.htm](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ07_10.htm)>. Acesso em: 26-08-2014.

COSTA, Lígia Militz da. A propósito de Terras do Sem Fim e o romance de 30. *Letras: Revista do Programa da Pós-graduação em Letras*, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, n. 1, p. 28-32, jan. 1991. Disponível em: <[w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r1/revista1\\_3.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r1/revista1_3.pdf)>. Acesso em: 19-08-2014.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. A investigação linguística na Onomástica brasileira. *Estudos de gramática portuguesa III*. Frankfurt am Main, v. III, p. 217-239, 2000.

FERRAZ, Aderlande P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida T. C. de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FRANCO JR., Arnaldo. Sociedade em formação: Terras do sem fim e Tenda dos milagres. *Caderno de leituras*: Jorge Amado. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/professores/04.pdf>>. Acesso em: 31-10-2014.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ave Maria, 1973.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. 3 vol.